

Ao ser sondada para apresentar uma comunicação sobre a sedução e o discurso carnavalesco, senti-me imediatamente *seduzida* pelo tema. Uso aqui o termo *seduzida*, pois até então, em mim o efeito de sentido mais forte de *seduzir* era atrair, encantar, envolver, quase sempre com suas conotações positivas, embora não pudesse de todo esquecer-me do significado legal — em discurso jurídico a *sedução* é considerada um crime que consiste em aproveitar-se sexualmente de mulher menor de dezoito anos e maior de quatorze que seja virgem, valendo-se o sedutor da inexperiência ou confiança da vítima.

Consultas a dicionários e enciclopédias mostraram-se interessantes: na Enciclopédia Delta Larousse (p. 6228), sob o verbete *sedução* temos: "ato ou efeito de induzir artificialmente ao mal ou ao erro, de enganar arditosamente, de desencaminhar, desonrar, valendo-se de promessas, encantos ou amavios". Só então têm-se uma segunda série de significados, a saber: atração, encanto, fascínio.

Para o Novo Dicionário Aurélio (p. 1280), *sedução* é primeiramente "ato ou efeito de seduzir ou de ser seduzido" e como segundo significado tem-se "qualidade de sedutor" e como terceiro, "atração, encanto, fascínio" e finalmente a definição jurídica acima citada.

---

Uma consulta ao verbete *seduzir* no mesmo Aurélio vem reforçar o significado de “desencaminhar”, — etimologicamente *seduzir* vem do latim *seducere* — “levar para o lado”. O verbo latino *ducere*, cujo significado positivo é “guiar”, é precedido pela partícula *se*, que marca a separação, o afastamento, a privação, trazendo sempre a idéia de um grupo separado<sup>1</sup>.

Em praticamente todos os significados arrolados, em todas as representações vinculadas, tem-se sempre presente a premeditação, o plano, o interesse, em suma, a mentira.

No Vocabulário de Psicanálise de Laplanche e Pontalis<sup>2</sup>, *sedução* remete primeiramente à cena de sedução — “cena real ou fantástica em que o sujeito (geralmente uma criança) sofre passivamente propostas ou manobras sexuais da parte de outro (a maioria das vezes um adulto)”.

A seguir, sedução é vinculada à “teoria da sedução” de Freud, elaborada entre 1895 e 1897, que “atribui à lembrança de cenas reais de sedução o papel determinante na etiologia da psicose”. Tal teoria foi posteriormente abandonada por ter Freud descoberto que, muitas vezes, as cenas de sedução podem ser produzidas por reconstruções fantásticas, características da sexualidade infantil, que se estrutura com elementos que lhe vêm do exterior, como por exemplo, a relação entre os pais, o desejo dos pais que precede o desejo da criança, etc. Entretanto, parece-nos que seu abandono não foi total, visto que em última análise Freud coloca a sedução entre as “fantasias originárias”, cuja origem remonta à pré-história da humanidade.

---

<sup>1</sup> Partículas semelhantes, com efeitos de sentido iguais, são também encontradas no armênio, no eslavo e no úmbrio ( dicionário etimológico latino, p. 942), levando-nos a supor a existência primitiva de tal partícula nas línguas indo-européias.

<sup>2</sup> LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.-B. Vocabulário de psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 462

---

Para Freud, segundo Laplanche e Pontalis, "a sedução não seria um fato real, situável na história do sujeito, mas um dado estrutural que só poderia ser transposto historicamente sob a forma de um mito"<sup>3</sup>.

Laplanche discorda categoricamente da concepção freudiana de "fantasmas originários, filogeneticamente transmitidos", do estratagemma de recuo ao mito, pois segundo ele, "somente os povos e outros tipos de coletividades são capazes [de criar mitos e de transmiti-los]"<sup>4</sup>.

Embora tal enfoque filogenético, oriundo das convicções lamarckistas de Freud, não seja mais aceito, temos que convir que alguns tipos de fantasias ou de fantasmas originais são transculturais e, por que não dizer, universais: há um compartilhar de elementos tais como a cena primeira, a gravidez, o nascimento, o incesto, a bissexualidade<sup>5</sup>. Tais fantasias originárias vêm sempre envoltas em efeitos de sentido de algo "misterioso", "perigoso", "proibido", "impuro", e de algo inabordável e, por isso mesmo, pleno de restrições e proibições. São os tabus<sup>6</sup>.

Estas restrições "dirigem-se principalmente contra a liberdade do prazer e contra a liberdade de movimento e de comunicação"<sup>7</sup> visando abstinência e renúncia. Mas pode-se afirmar que, por trás de tais proibições, parece haver um elemento essencial — o poder. E esse poder, ainda citando Freud, "está ligado a todos os indivíduos especiais, como reis, sacerdotes ou recém-nascidos, a todos os estados excepcionais, como os estados físicos da puberdade ou nascimento, e a todas as coisas misteriosas, como a doença ou a morte (idem, ibidem). Wundt, citado por Freud (idem, ibidem), liga o poder do tabu, cuja fonte são os instintos humanos mais primitivos, ao poder exercido por chefes, reis e sacerdotes que privilegiam as diferenças sociais. Daí a primeira lei totêmica, não matar o animal totêmico, representado pelo chefe. A segunda lei totêmica quer evitar relações sexuais proibidas. Em outras pala-

---

<sup>3</sup> Idem ibidem. p. 472

<sup>4</sup> LAPLANCHE, J. Teoria da sedução generalizada e outros ensaios. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988. p. 124

<sup>5</sup> MOORE, Burness E. & FINE, Bernard D. Termos e conceitos psicanalíticos. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 74

<sup>6</sup> FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1995. V. XIII. p. 37

<sup>7</sup> Idem, ibidem. p. 40

---

vas: proibições de uma antigüidade primeva foram "externamente impostas a uma geração de homens primitivos (...) de forma violenta pela geração anterior. Essas proibições devem ter sido relacionadas com atividades para as quais havia forte inclinação"<sup>8</sup>, forte desejo. Pode-se pois, depreender o poder ambivalente, o efeito sedutor de tais fantasmas: inconscientemente quer-se violá-las, mas conscientemente há o temor de fazê-lo.

Esse *poder sedutor*, capaz de provocar a tentação, aliado ao desejo proibido no inconsciente, pode atuar como um contágio (exemplos são contagiosos) e deslocar-se de um objeto para outro<sup>9</sup>. Daí o efeito sedutor do ser seduzido.

Como podemos observar, três são os pontos-chave de nossa pesquisa: o *lingüístico*, que, através da etimologia, procurou detectar os sentidos atualmente fixados e estabelecidos pelos dicionários; o *psicanalítico* que, através das teorias freudianas, soldou indelevelmente a sedução à sexualidade, e o *ideológico* que, pelo viés também da psicanálise, nos mostrou a estreita ligação entre sedução e o poder da autoridade constituída.

É por intermédio das relações entre tais pontos-chave que a Análise do Discurso "realiza o fechamento do espaço discursivo"<sup>10</sup>. Um espaço que "longe de ser esse elemento transparente e neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica é um dos lugares em que elas exercem, de maneira privilegiada, alguns de seus mais incontestáveis poderes"<sup>11</sup>.

Ao observar-se o discurso sedutor, pode-se imediatamente concluir que se está diante de um discurso que procura substituir uma idéia por outra. Não se trata de uma argumentação racional, em que, partindo-se de uma idéia supostamente comum, tenta-se demonstrar que

---

<sup>8</sup> Idem *Ibidem*, p. 48

<sup>9</sup> Freud cita a proibição maori em que "o chefe não soprava o fogo com a boca, pois seu hálito sagrado comunicaria sua santidade ao fogo, que, o passaria à panela[...] que o passaria ao homem que comesse a carne[...] [e que] com certeza morreria". (*op.cit.*, p. 45)

<sup>10</sup> ORTIZ, E.M.N. O povo fala e cala: o discurso do samba-enredo, de 1964/65 a 1989/90. Tese de doutoramento. Porto Alegre: PUCRS, 1995. p. 13

<sup>11</sup> FOUCAULT, Michel. *L'ordre du discours*. Paris: Gallimard, 1971. p. 11-12

---

tal idéia não é perfeita e pode ser substituída por outra mais correta, verossímil ou apropriada.

Não são usados elementos racionalmente vistos como argumentos — referências a fatos, apelo a conclusões, valores, a necessidades coletivas e/ou individuais, etc — procura-se convencer (vejam bem com+vencer), seduzir (isto é, guiar para fora), apelando-se a algo intimamente relacionado à falta, ao desejo, ao inconsciente. Não se refuta. Insinua-se, alude-se, sugere-se.

Como o discurso sedutor procura guiar o outro, poder-se-ia esperar que a presença do sujeito discursivo se fizesse clara, coordenando-se à posição por ela ocupada — a de guia. No entanto, o guiar da sedução tem como efeito de sentido o *desviar*, o *desencaminhar* e por isso na maioria das vezes o sujeito se esconde. Faz-se uso principalmente de *subentendidos*: lacunas que devem ser obrigatoriamente preenchidas pelo *outro*, único responsável de sua própria interpretação: O sujeito nada disse! Mas subentende aquilo de que ele quer convencer o outro.

Analisaremos agora o discurso carnavalesco. Carnaval, do latim *caro*, *carnis* (significando *corpo* em oposição a *espírito*) e *vale* (do verbo *valere*, significando *prevaler*, *levar vantagem*) é uma manifestação ritual cujas origens, pode-se dizer, remontam ao folclore dos povos primitivos, em que se encontravam paralelamente aos cultos sérios cultos cômicos.

Tais festividades, formas primordiais marcantes da civilização humana, sempre tiveram um conteúdo essencial, exprimindo uma concepção do mundo<sup>12</sup>. As festividades carnavalescas, em que a carne, o sexo tem sua primazia, permitiram ao povo o ingresso, embora temporário, em um mundo utópico, em que suas fantasias mais primitivas poderiam ser realizadas. Em que tabus poderiam ser violados e o medo do castigo, abafados. O caráter ambivalente da sedução encontra aí um campo extremamente fértil: a sexualidade é liberada e as relações

---

<sup>12</sup> BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento. O contexto de François Rabelais. São Paulo: HUCITEC, 1987. p. 70

---

hierárquicas são, se não abolidas, pelo menos, modificadas. Cria-se, pois, um tipo particular de comunicação, cujos gestos e materializações discursivas seriam inaceitáveis em situações não-carnavalescas.

O corpo em predominância “ultrapassa-se a si mesmo, franqueia seus próprios limites” — abre-se ao mundo exterior. Como afirma Bakhtin, o corpo mostra “onde o mundo penetra nele ou dele sai ou ele mesmo sai para o mundo, através de orifícios, protuberâncias, ramificações e excrescências, tais como a boca aberta, os órgãos genitais, seios, falo, barriga e nariz”<sup>13</sup>. Esse corpo, sexualmente seduzido, prova viva do tabu violado, torna-se, por sua vez, sedutor, transferindo sua sedução a um outro corpo igualmente seduzido e sedutor.

O movimento ritmado desse corpo aumenta-lhe ainda mais os efeitos de sedução: o mexer sincopado dos quadris e das nádegas são atividades prazerosas e estimulantes, tanto para o dançarino que se exhibe quanto para o sujeito que observa. A princípio tais atividades podem ser executadas sem um conteúdo mental associado, mas posteriormente, no desenvolvimento, elas se fazem geralmente acompanhar por pensamentos a respeito de atividades com outras pessoas. Essas fantasias, resultado da combinação de sensações prazerosas com lembranças de experiências anteriores, estão necessariamente vinculadas com acontecimentos externos imediatos. Está-se, pois, diante de um exemplo típico de sedução, segundo Freud. Está-se igualmente diante da violação da lei totêmica relacionada às restrições sexuais — como a própria palavra carnaval sugere: o prevalecer da carne, do corpo, do sexo.

Mas como atua a materialização discursiva carnavalesca?

Um exaustivo exame dos sambas-enredo do carnaval carioca<sup>14</sup> revelou-nos que, ao contrário da cena e do ritmo carnavalescos, o texto dos sambas-enredo são extremamente pobres no que diz respeito aos efeitos de sedução. Praticamente inexistente a violação do interdito erótico: são muito poucas as manifestações discursivas que ao menos insinuem a sedução exercida pela mulher — essa sedução geralmente apresenta-se

---

<sup>13</sup> Idem *Ibidem*, p. 23

<sup>14</sup> Arquivo dos sambas-enredo de 1965 a 1969, analisados em minha tese de Doutorado.

---

metamorfozada por figuras míticas, como sereias, serpentes ou aves do paraíso. A sedução exercida por homens é ainda menos freqüente.

Tal fenômeno provavelmente deva ser creditado à forte pressão de censura exercida pelo poder dominante — leis e bons costumes, exatamente como descrito por Freud em sua obra "Totem e tabu", onde afirma estar a violação de tabus fortemente associada ao estabelecimento e à manutenção de determinada situação social e política. Caberia, pois, ao poder ideológico procurar outras formas de sedução, capazes de "des-encaminhar" o sujeito de sua natural tentação — algo semelhante a um contra-discurso sedutor .

As formulações discursivas carnavalescas mostraram-se exímias em tal fazer: inúmeros são os exemplos de discursos exaltando virtudes femininas e/ou masculinas (pureza, altivez, coragem, desprendimento).

Referimo-nos anteriormente a uma outra lei totêmica: a eliminação do totem ou de seu representante. Neste caso, há um completo e total silêncio, o que é absolutamente compreensível; pois nenhuma sociedade aceita explicitamente a eliminação do próprio chefe. Procura-se reforçar sempre o interdito, mesmo que pela transposição de objeto. Em outras palavras, valoriza-se o chefe através de suas realizações. O discurso carnavalesco presta-se adequadamente a isso, principalmente durante o período analisado, pois parece estar a serviço da hegemonia. Como por exemplo: inúmeras são as manifestações discursivas carnavalescas que enfatizam o progresso alcançado pelo país graças a ação do poder hegemônico. Procura-se, pois, atrair o sujeito e assim não violar essa lei totêmica — isso é, a não ir contra o poder do governo. A tal sedução poderíamos denominar *sedução ideológica*.

Estranha contradição: manifestação cultural fortemente centrada em efeitos de sedução tem, entretanto, uma materialização discursiva bem pouco sedutora...